



SUPERAÇÃO DA DORMÊNCIA E AVALIAÇÃO DO CRESCIMENTO INICIAL DA RAIZ DE *Myrsine parvifolia* A. DC. (PRIMULACEAE)

Ubiratã Soares Jacobi – Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Instituto de Ciências Biológicas - ICB, PPG - Diversidade Vegetal, Rio Grande, RS. birajacobi@hotmail.com ;

Paulo Eduardo Ellert Pereira – FURG, ICB, PPG - Diversidade Vegetal, Rio Grande, RS.

INTRODUÇÃO

A família Primulaceae possui distribuição cosmopolita, incluindo aproximadamente 60 gêneros e 2400 espécies. No Brasil ocorrem 11 gêneros e cerca de 130 espécies (Souza & Lorenzi 2012). *Myrsine parvifolia* A. DC. (capororoquinha) é um arbusto ou árvore de pequeno porte, que ocorre no litoral, desde o estado do Rio de Janeiro até a cidade de Montevideu (Jung-Mendaçoli & Bernacci 2001). Trata-se de uma espécie pioneira (Lorenzi 2009), que apresenta frutificação durante vários meses e principalmente no inverno, fornecendo alimento para diferentes espécies de animais em épocas que ele é escasso, atraindo diferentes dispersores para suas sementes (Pineschi 1990). A capororoquinha possui bom desenvolvimento em solos arenosos característicos da restinga da planície costeira sul do RS, sendo muito comum em áreas com aporte de sal como marismas (Artioli 2008). Devido a sua importância ecológica para a região, ressalta-se a relevância do presente estudo.

OBJETIVOS

Avaliar a superação da dormência e o crescimento inicial da raiz de *Myrsine parvifolia*.

MATERIAL E MÉTODOS

As coletas foram realizadas entre abril e outubro (meses com frutos maduros) no Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS (32°04'S; 52°09'O). As sementes foram submetidas à escarificação mecânica (EM – aberturas no endocarpo pétreo) e escarificação química (EQ 10, 20, 30 e 40 minutos de imersão em ácido sulfúrico) e postas para germinar. Os resultados da germinação foram submetidos à Análise de Variância (Teste de Tukey; $p < 0,05$) e do crescimento ao teste de Kruskal-Wallis.

RESULTADOS

Considerando-se a eficiência entre os tratamentos, EM demonstrou-se significativamente mais eficiente que EQ, uma vez comparadas as médias de germinações a cada mês de análise. O agrupamento das EQs em comparação com EM mostra diferenças significativas nos meses de abril, julho e agosto, quando EM demonstra maior eficiência. Não houve germinações nos tratamentos controle. Em relação ao crescimento, no mês de abril EM obteve efeito significativo em relação aos demais tratamentos. Foram observadas ainda diferenças significativas entre os tratamentos EQ10 e EQ40 sobre o desenvolvimento inicial das plantas para o mesmo mês. EM apresentou-se como o tratamento mais indicado para o desenvolvimento em 40 dias de sementes coletadas neste mês. Em julho, EM apresentou crescimento significativo em relação a EQ30, não havendo germinações em EQ10 e EQ20. Para outubro, houve diferenças significativas entre EM e EQ40, assim como EQ40 também diferiu de EQ10 e EQ20, sendo EQ40 o tratamento de menor crescimento.

DISCUSSÃO

É possível dividir sazonalmente as análises, uma vez que estas apresentam grupos de picos e quedas de germinação coincidentes com as épocas quentes e frias anuais, respectivamente. EM demonstrou eficiência como tratamento para *M. parvifolia*, apontando para a resistência mecânica do endocarpo como causadora da dormência. Estes resultados vão ao encontro de Joly & Felipe (1979) para *M. guianensis*. *Myrsine parvifolia* apresenta taxas baixas de germinação quando submetida às EQs, fato também observado para outras mirsináceas por Pineschi (1990), que analisou sementes retiradas de fezes de aves capturadas. As porcentagens de germinação encontradas para *M. parvifolia* apresentaram-se baixas, fato também relatado por Lorenzi (2009) e Braz e Mattos (2010) para a mesma espécie. Ademais, apenas em EM/abril foram observadas folhas dentro dos 40 dias de experimento, sendo o mês e tratamento de maior crescimento inicial de raiz.

CONCLUSÃO

A espécie não respondeu de forma eficiente aos tratamentos químicos ao longo do ano. Da mesma forma, o tempo de escarificação química não influenciou na germinação. A espécie sofre influência do clima na viabilidade das sementes, apresentando melhores resultados nos meses mais quentes. Mesmo nos meses mais frios, onde há queda nas germinações, EM mostra tendência a ser mais eficiente que EQ. Escarificação mecânica demonstrou ser o tratamento mais eficiente para superação da dormência das sementes, bem como o tratamento que mais favoreceu o crescimento inicial da raiz, em sementes coletadas no início da frutificação da espécie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTIOLI, L.G.S. 2008. Caracterização ambiental de uma área de marisma conhecida como Saco do Ratão (Estuário Tramandaí-Armazém), Tramandaí, RS, Brasil. *Cadernos de Ecologia Aquática*, v. 3 (1): 23-26.
- BRAZ, M. A. G.; MATTOS, E. A. 2010. Seed Dispersal Phenology and Germination Characteristics of a Drought-Prone. *Biotropica*. Washington, US, v. 42 (3): 327–335.
- JOLY, C. A.; FELIPPE, G. M. 1979. Dormência das sementes de *Rapanea guianensis* Aubl. *Revista Brasileira de Botânica*: São Paulo, 2: 1-6.
- JUNG-MENDAÇOLLI, S. L.; BERNACCI, L. C. 2001. Myrsinaceae da APA de Cairuçu, Parati (Rio de Janeiro, Brasil). *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, 52: 49-64.
- LORENZI, H. 2009. Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 2a edição. Vol. 3. Instituto Plantarum: Nova Odessa: São Paulo, 384p.
- PINESCHI, R. B. 1990. Aves como dispersoras de sete espécies de *Rapanea* (Myrsinaceae) no maciço do Itatiaia, estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. *Ararajuba*: Teresópolis: Rio de Janeiro, 1: 73-78.
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. 2012. *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG III*. Instituto Plantarum: Nova Odessa, São Paulo, 768p.